

Sala
Gab. 0,5.
Est.
Tab. 101
N.º

ALEXANDRE DE ALBUQUERQUE

(XANDRE)

BOFETADAS

N.º 1

1896

Antes de começar

De escapada p'ra aldeola a ferias dei com-
migo em Aveiro, na feira de Março, muito
concorrida pela ganancia dos retrozeiros e
mais similares alimarias que, ao tosco balcão
das improvisadas barracas, vão, patranhu-
dos, arengueiros, dando sempre a sua pala-
vra d'honra, jurando pelo que têm de mais
sagrado, impingindo gato por lebre aos pa-
pás pancracios e ás meninas recocós que
alardeam, por que avesam bagalhoça, á farta,
arranjada com qualquer marosca pelo avo-
sinho lá nos Brazis.

Ao fundo da feira, da banda das mari-
nhas, uma meia duzia de barracões com ce-
gas-regas, com realejos á porta—os fantoches,
a mulher-electrica, as vistas e o pim-pam-
pum em uma barraca mais pequerrucha,
mais acanhada, modesta, mesmo em frente



á praça dos touros, onde, com applauso da turba zaragateira, alguns pimpões de lesto pernil praticam a cobardia do ataque á surrelfa, como os pamphletarios anonymos por detraz das bambinellas, dando ás gambias, p'ra retaguarda das trincheiras, á primeira arremettida do touro, sempre leal, sem trapaça, sem velhacada.

Um petiz atira certo aos badamecos do Pim-Pam-Pum com as bolas, petiscadas mercê d'um cheto, talvez, surripiado á mãe, e, se alguma vez aderga de falhar, nem sequer resfolga, emquanto os não ensarilha, cachapuz, cabeça p'ro fundo.

Em frente d'aquellas cabeçorras disformes — calombros umas, aboboras outras — muito hirtas na sua inconsciencia de fantoches, occorre-nos logo meia duzia de malandrins que 'hi estadeam, muito anchos das suas pessoas, com balancês estudados.

Ao vermos os birbantes, vasio, nullo, blasonandó campanudos n'um aranzel, n'um amphiguri de que se não petisca patavina, aviva-se-nos, verdade ao de cima como a cortiça, o appetite de lhes jogarmos um panasio ás canellas, p'ra um batecú.

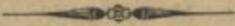
E' o que vamos fazer, com mira a uns certos, o que não impede de, quando em quando, saltarmos aos burguezes aparrados aos pequenos malandrotos, femeas dengosas, velhos cambaios e burocratas bonacheirões, não esquecendo o parrana, pançudo do ar-

caboico e retundo do bestunto, que é nosso amo, com grande satisfação do Zé-povinho e não menos das suas respeitabilissimas enxundias.

Quizemos abrir uma barraca de Pim-Pam-Pum, para os expormos á assuada do publico, mas quando estavamos a enfileiral-os, tão ridiculos nos pareceram, que deu-nos a gana e desatamos á lambada.

A alguns mesmo cerzimo-lhes os fundilhos á biqueira.

Aqui não ha pretensões a espirito; pretendeu-se apenas ser-se violento, p'ra castigo da malandragem.



EXTERIORIDADES

Com furia de nodoa d'azeite vai-se alastrando, por todos os que abrem de moirejar nas letras, a preocupação da exterioridade, muito barulhenta, aos berros, aos brados, p'ra dar na vista, escandalisar os nervos, quasi insensíveis, dos pacatos, da turba, que dizem desprezar, mas, na verdade, com um despreso apparente, porque no fundo estão morrendo que ella esgazêe os olhos, repare, e diga da sua justiça, bem ou mal, pouco importa; o caso é que diga — tal é o cagaço, bastante justificado, de passarem despercebidos, confundidos com a turba anonyma!

Assim, resultado d'esse cagaço—n'uns, consequencia de uma febre de originalidade—n'outros, andamos p'rá hi, uns doze, com gaforinas de palmo, mais ou menos estramboticas, thesouradas consoante o paladar de cada um—á Nazareno, á pintor florentino, á Pombal, ou então a modo proprio, invenção nova, fructo de muitos estudos com esgares, com arremesquinhos, nas bochechas do espelho.

E' uma pecha, um andaço, uma inferioridade, que nada diz tocante á intellectualidade de cada, mas que se vai trazendo, porque sem isso (pensa-se) não se é artista.

D'aqui vem que o uso da cabelleira, do monoculo, da falla em toada de carpideira, a deixar adivinhar magoas lá no fundo, no interior, não é mais que uma asnice da nossa parte, mas inoffensiva, não incommodando ninguem, e tanto que não descortino razões p'ra que os bacalhoeiros, os parranas, se fiquem, quando nós passamos, basbaques, a rir, com um riso lorpa de quem se julga fura-paredes, pilha-ratos, um riso á Sancho Pança, d'apanha-moscas.

E, não descortino razões p'ra galhofa, quando certo é que ninguem gargalha á passagem da madama de peitos d'algodão, dentes postiços, faces aguarelladas a carmim e alvaiade, que marcha toda em prôa com uma arregaçada d'arrebiques, uma chapeleta farfalhada de meio covado de raio, que mais parece um canastrel do que um chapéu.

E' que a madama respeita-se; é muito seria,•

muito honesta, de modo que, se aderga de lo-brigar pouca vergonha, tapa logo a cara com a mão... o que não impede as raleiras entre os dedos pela mesma razão que uma pouca de lama, 'hi na rua, é pretexto admiravel p'ra uma exposição de pernas convenientemente arran-jadas antes, em casa, longe das vistas munda-nas, mettediças, abelhudas, e bellamente ar-ranjadas com tufos d'algodão, e muitas vezes de lã de carneiro, mesmo por cardar, que é mais economico.

Nem todas assim são, diga-se a verdade.

E, não lobrigo cabimento p'ro espanto, quando certo é que ninguem pasma á passagem d'uma saloia de lenço garrido, pintalgado, que segue toda espivitada com as suas oito saias de larga roda, a dar a dar, mortinha por esterlicar os dedos e esticar o pernil em qualquer dança com harmonico e banza, té que, n'uma aberta, n'uma destrahida dos outros, vá, por um ar-ratel de rebuçados, fazer o arranjinho com qual-quer marmanjo, p'ra detraz d'uma moita.

Nem todas assim são, diga-se a verdade.

E, não atino com a causa do riso, quando certo é que ninguem gargalha com os balan-draus, os fracks de larga rabadilha, a roçarem pelas tibias escanelladas d'alguns *coisas* que nada fazem, incolores, inuteis, tunantes, mas que, por avesarem pecunia em barda, são uns dandys para quem ha barretadas, quando, em bôa verdade, dever havia uma rusga dos bele-guins, como vadios, malandrotos que são.

Não estejam agora a imaginar que eu quebro lanças p'ra desagravo das exterioridades, pois que eu sou o primeiro a condemnal-as como uma inferioridade, mas quando as exterioridades não vão além da cabelleira e do monoculo toleram-se, mas que cheguem, té ao deboche, té á bandalheira, não podemos passar em alvo sem pespontarmos o tefe dos malandrins.

Dizem-se ⁽¹⁾ os Puros quando em questão de dignidade têm este lemma: — «os artistas hoje são todos bandalhos.»

P'ra que perder o tempo em refutar tal coisa, se a todos é patente que, felizmente, muitos artistas ainda ha, que, embora não sejam nenhuma vestaes, têm dignidade precisa p'ra não ser bandalhos.

Dizem-se os Castos, quando, em assumpto do sexto mandamento, descem ao requinte mais deparvado, ao maior rebaixamento moral que pode dar-se.

Como são os requintados ⁽²⁾, vão beber a

⁽¹⁾ Isto não diz respeito senão a uns certos, cujos nomes não escarrapacho aqui, porque, entendo, o não devo fazer, demais desnecessario se torna, dèsque elles fazem gala n'isso e dèsque as peccadoras o tem assoalhado p'ra 'hi, aos quatro ventos, frisando nomes, que todos sabem, que todos conhecem.

⁽²⁾ *Requentados* lhes chama o Abranches.

O Abranches, parece-me, tem razão, dado que, pelos entendidos, *aquillo* tem o sabor de berbigão, de marisco bem apimentado, com requeime.

inspiração a uma gruta que não é a gruta de Camões em Macau, e onde Musas não governam, mas Venus impera.

Isto ainda se comprehende deante d'uma carne estonteante de virgem, mercê de uma aberração dos sentidos, mas nunca a frio, n'uma femea facil, polluida de qualquer safardana, 'hi da rua, que a agua só vê pelo tempo da calma, não p'ra barrela, mas para refrescar-se.

A um d'esses, que são puros, que são castos, disse-lhe um dia, todo anojado, quasi a vomitar—«tu não te lembras, que, lá p'ro tarde, tens de beijar tua esposa e os teus filhos com esses labios impuros, a macular-lhes a virginal candura?»

—«Todos os superiores o fazem, o Baudelaire, o Paul Verlaine, e muitos outros; é a moda, o luxo, o distincto; té admira que inda tenhas essa burguezisse.»—

A partir d'abi fiquei sabendo que, no intender d'esses senhores, ser limpo é ser burguez.

E são os puros, os castos, quando, materia adentro do sexto mandamento, inda lhes fica atraz qualquer tarimbeiro frascario e cabrão que, altas horas, peregrina, cambaleando, com arrotos, aos bordos, por esses alcouces afóra!

P'ra remate:

Uns *grandecissimos* bandalhos, é o que os senhores são!

Uns *grandecissimos* javardos!

Carta a um burguez

Alarvissimo Pançudo.

Lasca p'ra banda, por um momento, a indigesta e esteril leitura do ganancioso *Seculo*, e attenta, ouvido bem áleria, no que te vou dizer.

Não será sem reluctancia que o farás, visto certo ser o odio, mesclado de medo, que me nutres, pois que, p'ra ti, eu, como revolucionario, como vermelho, sou um scelerado, um patife com o Limoeiro a fazer-me gaifonas lá deante, prologo ás costas d'África, onde, mais cedo ou mais tarde, consoante o que tens ruminado no teu bestunto, eu tenho de malhar com o costado; finalmente, sou um bandido da peor especie, sempre sedento de sangueiras, capaz de te dar cabo do canastro, e—o que é mais para ti—de te deitar fogo á casa.

Lá se ia a dinheirama, com mil diabos! essa dinheirama que tão pouco custou amontoar com grave prejuizo do proximo . . .

Socega, respeitabilissimo gêbo; por hoje são escusados os tremeliques, as densentrias; venho n'uma pacatez de espirito muito semelhante á tua; venho de bons humores, nada vermelho, p'ra uma palestra comesinha.

Secega, pois, e apparelha os timpanos.

P'ra ti ha só uma religião, uma unica craveira p'ra tua dignidade, um Deus apenas; — o dinheiro.

Por uma moeda darás um olho, por duas venderás teu pae.

Se á tua porta ronda um rapaz, dando de olho a uma das tuas filhas, indagas logo se tem massa.

Dizem-te que é honesto, que anda movido pelas melhores tenções;—encolhes os hombros e perguntas se tem dinheiro—unica coisa que te preoccupa, que te dá insomnias; que é honrado, que é trabalhador; — o mesmo esgar desdenhoso, a mesma pergunta fona.

Dizem-te, por fim, que é pobre; — mandas escorraçal-o pelos carregadores, que nem coragem se alberga adentro d'esses untos p'ra desancal-o, e não ficas por'hi; encerras tua filha n'um quarto, janellas pregadas a tacha, que é mais barato, ameaçando-a, n'uma reminiscencia atavica do negreiro que foi teu avô, com um azorrague de enleias trazidas lá debaixo, da loja, d'atarem o bacalhau; e se a pobre moça, que cahiu na esparrella de sahir do bandulho da tua femea, se mostra remissa, atacas-lhe o mal p'la fome, pondo-a a pão e agua, té que ella se deixe de pieguices delambidas, como tu lbe alcunhas as mais castas aspirações.

Se, ao invéz, aquelle que faz insistente caminho pela tua porta, tem bolsa de peso, grandes berloques, anneis espaventosos, afóra a burra em casa abarrotada de bellas peças, a

treta muda de rumo;—tens p'ra elle zumbaias, espinha dorsal em arco e a cabeça a tomar um feitio de dobradiça, sempre p'ra baixo, muito servil.

Pões-te logo, olhar de esguelha, á espreita, animando-o com um sorriso velhaco quando elle passa, a ver se lhe impinges a filha p'ro casorio, ou p'ra amante;—isso nada faz ao caso, comtanto que renda chelpa em barda, á farta.

Já te não prégo moralidade, sentimentos altruitas — seria prégar no deserto; por mais que façam, ficarás sempre aferrado á tua, n'uma adoração babosa ao bezerro d'oiro.

Egoista, já agora, tens de morrer atascado em cebo, em dinheirama, e em estupidez, trescalando sempre a petroleo e a queijo fermentado, com callos nos joanetes e callos na consciencia, capaz de passar a cobres tua mulher quando já não tiveres filhas p'rá almoeda.

E's um inutil, vivendo só p'ra ti, sem uma ajuda ao proximo que rapa, muitas vezes, lazeiras de estarrecer, sem alento, 'hi p'ra um canto, a chafurdar na montureira, no lixo.

Em quanto te refocillas em regaleira, com bom ninho e boa gamella, muita miseria se estorce por esses casebres além, roida da pio-lheira, sem pão e sem ar, accumulados, apinhados, n'uma promiscuidade ignobil, mordendo-se d'odios e de invejas.

Emquanto apalpas o bojo, de lua a lua a

tornar-se mais rotundo, mais pote, pelas boas comezainas que petiscas á tua mesa, muitas familias passam p'ra'hi com uma codea, arrojando todos com trabalho, o pae encangado, a mãe avelhentada, magricella, com o fardo da filharada ás costas enquanto são pequenos, porque mal tenham doze annos lá vão por essas ruas, á gandaia, offerecendo-se a qualquer que passa—pobres creanças, que tu, meu *grandecissimo* fona, vais aproveitando p'ros teus vicios reles, senis.

Toda essa miseria não te faz mozza e ainda por cima os exploras impingindo-lhes gesso, se te vão comprar farinha.

Pedem-te esmola—não a dás, só se fôr em publico p'ra dar nas vistas.

Se alguma vez abres a bolsa não é por generosidade, é por calculo, p'ra tirar algum proveito;—a caridade para ti não serve, és apolo-gista da philantropia, com estrondo, com estardalhaço, p'ra que os jornaes fallem—o que te lisongeia a vaidade, e te dá jús ao penderucalho d'uma condecoração sobre que ha muito andas d'olho á mira;—és juiz d'uma confraria e pretendes ser commendador.

Não pensas senão em ti, na tua barriga, na tua bolsa, e ainda por cima chasqueas com riso alarve dos nossos ideaes pelo bem da humanidade, do nosso altruismo, da nossa abnegação, e ficas-te muito contente, todo babado, com a tua pessoa que não perde tempo em *tolices*.

Fazes mal em confiaries tanto em ti, que a

estas horas, talvez, te andem fazendo o ninho
atrás da orelha.

Porque é, meu lórpa, que todas as vezes
que lês uma noticia de adulterio no *Seculo*, te
não occorre saltar lá acima, em bicos de pés,
p'ra não arrastares os cebosos chinellos?—tal-
vez que... com as janellas cerradas, n'uma
claridade mortíça, indecisa, a coar-se pelas frin-
chas...

Anda, palerma, chasquea da nossa independen-
cia que, segundo dizes, é uma refinadissima
tolice, que nós mofaremos da tua cegueira, dos
filhos com que te presenteia o teu visinho.

Tu, que, em frente d'uma creança debaten-
do-se, prestes a morrer afogada, não te aba-
lanças a salvá-la, porque estás de roupa nova,
de bella casimira, um rôr de mil réis que não
queres estragar, sim, tu, não podes attingir
com o teu miolo apoucado, tacanho, que não
vai dois palmos além, estes nossos desprendi-
mentos.

Chasquea, pois, á tua vontade, más lá longe,
que já não posso supportar-te, — tal é o fetido
que exhalas, que expelles; tresandas a suor
dos pés, a dentuça pôdre e a olio de linhaça.

Adeus.

(1) GALERIA DE LITTERATOS

— Um bailato de poetas —

Luiz Guimarães, filho — É um poeta de chorudas e amorudas pieguices em banalísimos sonetos de collegial, muito proprios p'ra rebuçados, pois destillam, pingue-pingue, ternuras delambidas e adocicadas que estão mesmo a pedir um perfacio á alimaria do Anacleto — o das *plaquettes*.

Os seus versos vasados nos moldes ultraromanticos nada ficam a dever aos pruridos amorosos de qualquer poeta amanuense que em jornalécicos de provincia vae extravasando a sua veia p'ra regalo das meninas casadoiras muito amantes de versinhos que, em toada lamuriente de pedinte, ellas recitam ao piano nos salsifrés caseiros p'ra mostrar a habilidadesi-nha, metter figura, deitar as outras, as amigas, p'ro canto — n'um desejo de agradar ao Fernandinho, o filho do sr. juiz.

D'estes salsifrés deve gostar muito o nosso poeta a fazermos juiso pelas poesias em que elle falla da walsa.

Dizia-me a este respeito um poeta de bastante merecimento: — «O Luiz pôde ser um grande dançarino, mas nunca um bom poeta.»

(1) Esta galeria não diz respeito ao caracter de cada um; apreciam-se apenas como litteratos.

Apezar d'isto elle ha de ir longe, caminho da immortalidade ávante, levado pelos encontros da imprensa amiga, toda a desfazer-se em rapapés baixos.

Como o nosso paiz é pequeno, acanhado p'ra sua popularidade, elle já passou a fronteira e té p'ra'lem dos Pyreus, p'rá Estranja, braço dado á Rattazi (1).

A proposito da Rattazi occurria-nos dizer alguma coisa se a mulhersinha não estivesse tão desacreditada, dèsque em 1858 publicou *La Recherche d'un ideal* que já em 1838 tinha sido publicada por Alphonse Karr com o titulo: *Un homme et une femme*.

Ora veja o sr. Luizinho que a Rattazi p'ra réclame não é grande coisa, inda vale menos que o Brinn'Gaubast que o Eugenio mail-o *intellectual et cosmopolite* Gaio arranjaram p'rós gastos da firma commercial.

Henrique de Vasconcellos — publicou umas caganifancias em prosa-rimada á laia do Rei da Madureza.

Versos que não são versos, que nem p'ra calendario de tabacaria servem... tão bons que nem de graça lh'os queria, p'ra rebuçados, o pastelleiro mais bronco d'estes reinos de Por-

(1) E' necessario não esquecer o *philosophe* Noronha que vae tambem — faz parte da bagagem.

tugal e dos Algarves — versos que, em ultimo caso, p'ra se não deitarem fóra de mistura com papel de embrulhos, só se toleravam n'um *programma de latadas* que se propuzesse a fazer rir pela falta de pilheria.

E todavia, taes *versos* deram ao auctor propapia e animo p'rá tarefa ingloria de desapiar o Junqueiro — um plagiario, como elle diz.

O que faz a inconsciencia!

Vem a calhar um caso dado ha tempos, alli na Baixa, em uma livraria:

O sr. Henrique acabava de comprar um livro destinado a mostrar os plagiatos do Junqueiro, dizia.

Depois de olhar o livro, de o mirar e remirar, commentou alto:

— «Já me vae custando caro o tal sr. Junqueiro.»

Querem saber, rapazes, que livro era aquelle que, pelo preço ⁽¹⁾, tornava caro ao sr. Henrique o Guerra Junqueiro?

— Era um livro de Victor Hugo.

Ora o coisa!...

Isto já não admira dèsque elle disse algures, p'ra'hi, em letra redonda, que Victor Hugo era um oco.

Pelo visto, o sr. Henrique é um *cheio*... mas de quê? Ora o merdas!...

(1) Custava 400 rs. ou 600 rs. não tenho bem a certeza.

Abundio da Silva — As prosas rimadas d'este senhor correm parelhas com as do senhor Henrique, com a differença apenas que são mais variadas de formas e tẽ de idéas.

Nos seus *Cantos d'Alma* ha coisas boas, muito boas mesmo, mas completamente estragadas dêsque o sr. Abundio lhe deitou o gatazio—são as lendas da India e da China.

O resto uma bodega, uma cagada...

P'ra felicidade nossa o sr. Abundio prometeu não incommodar o publico, por estes tempos mais chegados, com novos versos.

Muito grato lhe fica o publico se o praso que o sr. lhe prometteu de descanço se prolongar indefinidamente.

Demais o *poeta* está a forçar-se; as suas inclinações já se revelaram.

Deixe-se de poesia, faça discursos, que em palavrório balofo tem desbancado todos os palradores da Academia.

Ora viva o sr. Abundio mail-o senhor D. Miguel II e o Papa-Rei!

Redacção — Rua do Norte. 9 — Coimbra

Preço..... 50 reis

Imp. Academica.



Sala
Gab.
Est. 05.
Tab.
N.º 102

ALEXANDRE DE ALBUQUERQUE

(XANDRE)

BOFETADAS

N.º 2

1896

BANDALHEIRA

N'este santo paiz de preguiça, de mandria, em que todos aspiram á consolação bonacheirona, suprema, de apanhar a restea de sol de pança p'ro ar; n'este santo paiz de vaidosos, de cretinos, de *philosophes Noronhas* e *Gaios intellectuels*, onde as reputações se fazem pelo elogio-mutuo; n'este abençoado torrão onde a bandalheira fervilha mais vasta do que os cogumelos, onde os bancarroteiros e os *panamistas* são grandes senhores, o raro, o original, é ser-se honrado, ser-se honesto.

Não pensam assim meia duzia de *superiores*, de *artistas* que á bandalheira se entregam, desdenhosos dos que inda teem escrupulos, dos que inda teem senso moral.

Para elles a superioridade intellectual é a maior de todas as superioridades, ao contrario do Anthero, o santo com que elles andam sempre a encher a bocca n'uma ado-



ração que me irrita, que me enoja, porque é hypocrita, pois que o genial e bom Anthero tinha a perfeição moral como a maior de todas as superioridades.

N'uma duzia de linhas em que se pavoneavam quatro calinadas, assacaram-me a calumnia de ter vindo com o nosso primeiro numero assoalhar poucas-vergonhas ⁽¹⁾. Não sou eu que ando assoalhar essas *coisas*, são elles, os que as fazem, são as peccadoras, somos nós todos a dizel-o; — eu apenas lhes applico o sinapismo na ferida, no ache.

Querem provas?

Ahi vae um caso.

Um dia d'estes, alli á Porta-Ferrea no meio d'um grupo de rapazes, abordou-me um litterato com uma cantilena dorida, espacando muito as syllabas, como a mostrar-se fatigado das batalhas mundanas:

— « Já sei que me vaes dar umas *bofetadas*. »

Comquanto d'elle não fallasse, nem d'isso tivesse tenções, respondi-lhe em tom rapido, indifferente:

— « É verdade. »

— « Não me importo com isso, té gosto, o que não quero é que digas alguma coisa que me offenda. »

Eu então muito formalisado:

(1) Vide *Jornal dos Estudantes*, n.º 7.

— «Não, não te offendo, chamo-te apenas bandalho.»

— «Lá isso não me incommoda, não tem duvida, o que não quero é que digas que sou estúpido, mau poeta, porque então nunca mais te fallo, viro-te as costas.» (1)

Era uma perca, não acham?...

Ora o malandro!



FAUSTO GUEDES TEIXEIRA

Bofetadas no Fausto?

Não.

Deus castiga sem pau nem pedra.

Sem pretensões a tão altos destinos eu vou castigar do mesmo modo.

Dizer que o Fausto, com toda a sua modestia, é o primeiro poeta de Coimbra, é uma verdade que vae *esbofetear* justamente todos aquelles que andam p'ra'hi a arrotar superioridades, apezar de, vãos de todo, se verem no apuro, na contingencia de comprar elogios nas gazetas, de pagar ceias aos noticiarios p'ra suprirem a falta de merecimento.



Em cada poesia do Fausto ha uma grande dôr, soffrida que não affectada, de modo que

(1) Authentico, ouviram?

os seus versos desprendidos, sem preocupação da forma, algumas vezes até incorrectos, parece que deslisaram espontaneos, sem intermittencias, d'uns labios espirrando sangue.

A sua obra, embora curta, é d'uma psychologia tão complexa que a critica não se pode fazer nas poucas linhas que dispomos e nem nós nos achamos com forças p'ra tal.

Acabámos agora mesmo de reler pela decima vez a poesia *As Cathedraes*.

Atravez d'aquelles versos profundos como sulcos de espada, ouve-se a resonancia das grandes naves — resonancia que nos arrepela os nervos como se fossem lamentos surdos, gritos de estertor de centenaes d'artistas subterrados, esmagados debaixo d'aquelles marmores.

Naquelle poesia adivinha-se, apalpa-se mesmo, toda a lucta ignorada, lenta e tenaz, dos milhares de braços *a que se prendiam corações* que ergueram aos ceus os marmores em columnatas altivas, em cupulas que assombram pela audacia do genio, que humilham pela arrogancia onde parece bailar um sorriso de escarneo, de desafio, ao Jehovah das Santas Escripturas, creador e destruidor dos mundos.

Uma obra d'Arte, uma obra de genio é um cartel do Homem arremeçado á Divindade.

E tem talento aquelle que comprehende uma obra d'Arte, aquelle que não esmorece nunca, que nunca se fatiga ao acompanhar todas as curvas do condor-imaginação, no seu vôo rasgado, amplo, pelas regiões do Intangível.

Assim fez o Fausto.

«E quem sabe se a alma que hoje tenho
Viveu tambem na rocha que ali medra?»

Reparem como o poeta irmana a sua Alma, irmana a sua Dôr, com os artistas que a golpes largos, febris, de cinzel, abriram flores, dando vida á pedra fria, inanimada.

A identificação é tão perfeita, tão completa, que o Fausto na mesma communhão da Arte, do Ideal, julga que foi a propria Alma que lá ficou esfacelada, estilhaçada, sangrando por aquelles florões a cabo, e que depois d'uma serie de transmigrações se veio abrigar no seu corpo fragil.

«Ha commoções nas linhas do desenho
E ha muita alma n'uma curva em pedra;»

Parece mesmo que estamos a ver o Artista atormentado de fome e de talento extravasando para o marmore inerte todo o seu sentir, toda a sua phantasia; depois o drama complica-se, chega um momento em que o genio sobe tanto... sobe tanto na sua idealisação que impossivel se torna objectivar-se, traduzir-se em realidade.

Então o Artista extortorisa na peor de todas as agonias — a consciencia da propria impotencia, e exausto, cançado de tentativas vãs, p'ra fugir ao supplicio, esmigalha o craneo, de encontro a esse mesmo marmore que, n'uma

crueldade fria de quem não sente, de quem não soffre, recusa amoldar-se ao escopro e tomar a vida que o Artista lhe quer imprimir — a propria vida.

«Ancias immensas, ideaes profundos,
Tudo autopsio pelas Cathedraes,
Pedras que gemem a semelhar mundos,
Mundos que tremem a diluir-se em ais.»

Mundos de operarios humildes, mundos de obreiros esfarrapados a soluçar, a diluir-se em ais;— aqui um infeliz que, falseando-lhe um pé, se despenha d'um andaime, ficando estropiado;—além uma abobada que desaba esmagando uma duzia de trabalhadores que sustentavam a familia, agora desamparada, com a miseria á porta expulsando-lhes as creanças p'ra rua, p'ro vicio;— os rapazes até irem parar a uma grilheta ou balouçar n'uma forca; as raparigas até agonisarem no hospital depois de toda uma vida degradante d'alcouce. Os obreiros esmagados debaixo da abobada (se echos d'este mundo se repercutem Lá!) ao saberem da miseria dos filhos sentirão a alma a gemer, a chorar nos gonzos d'um portão de ferro.

O Fausto sensibilizado casa a sua dôr com aquella dôr immensa de modo que a sua Alma lá vae tambem, errante, a gemer, a chorar nos gonzos d'um portão de ferro.

«Ai, quantas vidas são allí paradas!
Ai, quantos sonhos são allí desfeitos!»

As vidas dos que lá morreram carcomidos
de fome e de talento, os sonhos dos seus filhos,
carcomidos de fome e de vícios.

«Não ha brancuras pelas alvoradas
Nem pulsações apenas só nos peitos.

Porque o martello a dar sobre a bigorna
Não tem só do trabalho a pulsação:
Sobre o braço que o bate a luz se entorna
E a esse braço prende um coração.»

O braço do Artista não é automatico, não
é o braço d'um britador de estrada partindo
pedras com marteladas ao acaso, d'olhos fecha-
dos, n'uma cegueira inconsciente, porque em
cada golpe do escopro vae um retalho do cora-
ção, um frangalho da Alma.

«E as velhas torres hirtas, glaciaes,
—Reliquias d'uma crença que morreu—
Adejando por sobre as Cathedraes,
Parecem Almas a ancian o ceu.»

Aqui é que eu não sou concorde. Para mim
as velhas torres não são almas estendendo os
braços ao ceu implorando piedade, n'uma ancian
da felicidade eterna; são titans a escalar o ceu
porque uma obra d'Arte, uma obra de genio é
um cartel do Homem arremeçado á Divindade.

Pena é que não possamos dispor de mais
espaço, que todas as poesias do Fausto, prin-
cipalmente a poesia — **Eu** — prestavam-se a
admiraveis considerações.

ACTO DE CONTRICÇÃO

Senhor meu Luizinho, poeta verdadeiro, fagedor de versinhos, porque sois vós quem sois, mestre em prosa rimada, digno da admiração de luzos e brasileiros, me pesa, menino, de vos ter offendido e aggravado; direi d'ora avante em face de Deus e da humanidade que os seus versos são muito bons, muito bons, muito bons, bons de mais até, e, embora p'ra'hi vós chamem poeta diarrhea, eu protesto com todas as forças da minha Alma e prometto emendar-me e nunca mais peccar.

Amen.



ALBERTO PINHEIRO

«Alva (prosas espirituaes onde se mostra o cuidado que deve haver no culto da Alma: pedaços de Sonho emoldurados em Dór e Mystério: primeira Luz n'uma casa tenebrosa: caminho alvo para a Celeste Torre, a que todos devemos aspirar) livro escripto por Alberto Pinheiro e acompanhado d'um prefacio do grande poeta e extraordinario artista Eugenio de Castro.»

O pobre livro parece mesmo uma azemola de almocreve carregada de guizos, tal é o sequito de titulos chibantes; alguns têm o ar

terreno de parede velha, o tom indeciso dos gatos pingados; outros apresentam se gingões e petulantes como alfacinhas da Alfama.

«Mas é original»—observou-me algures um aspirante a litterato que, por mal dos meus peccados, todas as vezes que me topa, me atulha os ouvidos com uma estopante lenga-lenga sobre Charles Baudelaire e Maurice Maeterlinck, apesar de nunca ter passado da prosa corriqueira e lamecha das cartas de namoro e dos romances baratos, a tostão, mal traduzidos, á pressa, á bambalhona, p'ra embolsarem os cobres quanto antes, que o resto não importa, não faz mingua.

Original?!...

Nem isso; toda aquella longa tirada, toda aquella ladainha, não passa d'uma imitação do gongorismo.

Se querem ter a certeza do que lhes digo, tirem-se dos seus cuidados e lêam p'ra baixo, mas com cuidado, com espirito lucido, senão arriscam-se a ver navios, tão intrincada, tão embrulhada é a coisa.

«Ponte Segura para o golfo da vida no estreyto passo da morte que a mão do Supremo Artifice deyxou por misericordia a toda a alma viadora, descuydada no caminho, & fatigada no transito; Levantada em tres Arcos triumphaes, & milagrosos, fabricados dos tres soberanos nomes de Jesus, Maria, Joseph, Cada huma das cinco pedras pelos significados de cada huma das cinco letras, para se segurar o passo da

vida n'aquella ultima hora. Author Luiz Botelho Froes de Figueiredo, Filosofo, Canonista na Universidade de Coimbra.» (1)

Ha no *Alva* do sr. Albertinho Pinheirinho um convencionalismo de tristezas e lamurias de creança mimalha a quem não fazem a vontade, atravez do qual o auctor pretende fazer-se advinhar como um melancholico, um exausto da vida, fatigado, sempre doentinho, derreado com doenças; — é cardiaco, tysico, segundo a costumeira, mas, a fazer fé pelo aspecto, elle soffre muito burguezmente, em que pese ás Musas e á arte nacional, de flato e de espinhela cahida.

No seu livro encontram-se duas qualidades de prosa — prosa simples, sem artificios, sem ademanes presumçosos, onde de quando em onde se encontram bocados bons como *O Maior Crime*; (2) e prosa requintada, bizarra, moderna, como lhe chamam, feita aos retalhos, ás phrases, mette palavra, tira palavra, até afinar o periodo com sério damno do dictionario dos Synonimos que, á força de compulsado, tão gorduroso está que bem podia servir de isca p'ra ratoeira.

A *Litania dos Ceus* (3) é o pedaço de prosa que passa por mais bem trabalhado, por mais artistico.

Encontram-se ali Ceus de todas as cores;

(1) *Lisbôa Occidental*, 1717, 2.^a ed.»

(2) *Alva*, pag. 137 e 138.

(3) Vide *Alva*, pag. 11 a 13.

parece o espectro solar, mas todavia não é completa, pois que nas entrelinhas ha suggestões *admiraveis*.

Ceus que cobrem muito palerminha!

Ceus que cobrem muito menino prodigio.

Ceu azul: Ceu de baeta, Ceu da cõr da lombada do meu Waldeck.

Ceu verde: Ceu de sardanisca, Ceu de agriões, ceu de pepino tenro, ceu de rã.

Ceu pardo: ceu de cartuxo, ceu de sola velha, ceu cõr de burro quando foge.

Ceu roxo: ceu de borras de vinho, ceu de Ferrão, ceu de narigueta com frio.

Ceu vermelho: ceu de ginja, ceu de rabanete, ceu de casca de cebola, ceu cõr de gato esfolado.

Ceu branco: ceu de nabo cosido, ceu de batata pelada, ceu ôco, ceu lindo como um versinho do *Luizinho*.

Ceu de cõr negra: ceu de sebenta, ceu de graxa, ceu de borrão de tinta.

Ceus que cobrem muito palerminha!

Ceus que cobrem muito menino prodigio.

No pedaço de prosa — *Escadas* — nota-se uma falta de observação, uma superficialidade de quem passa por sobre as coisas de raspão, de fugida, como gato por brazas.

Falla de escadas de marmore, de saphira, de esmeralda e de onix, deixando no tinteiro as escadas de corda que em assumpto de poesia levam as lampas a todas as outras.

Escadas de corda suspensas d'uma janella

p'ra uma maroteira *a duo* — o caixeiro mail-a filha do patrão — burguezinha que lê romances de Montepin e de Ponson lambendo-se toda, toda se derretendo com os protognistas de sete folgos que morrem e resuscitam, que resuscitam e morrem a bel-prazer dos auctores.

Mas deixemos a azemola do *Alva* com toda a carga de lazeiras e ridiculos, com toda a guizalhada de titulos chibantes que causam dô quando não provocam a gargalhada arruaceira, chinfrineira, mas cauterisante, inda que, na opinião d'um fazedor de versos que p'ra'hi anda, *a troça seja esterilisante por isso mesmo que é salgada.*

Um dia que não vae longe o hominho, o menino prodigio deitou-se a critico — a victima foi Theophilo Braga.

O Albertinho pretendia reproduzir a celebre *questão Coimbrã*, mas sahirain-lhe furados os calculos que o Theophilo não costuma responder a palermas.

Com uma tintura de Veron aqui, uma pitada de Charles Maurice adeante, elle ostentou uma sciencia que não tem, que é toda superficial, apanhada nos indices dos livros, toda balofa, collada a grude, a cuspo mesmo, incluindo-se presumido no grupo dos unicos 5 estudantes de Coimbra que, na sua opinião, teem *lido*.

Eu não quero defender o Theophilo, nem elle precisa da minha defeza, mas o que é certo, o que não soffre duvidas, é que p'ra se fazer uma critica a Theophilo são necessarios muitos

annos de investigação a par d'uma orientação solida, defenida; porques a obras de Theophilo Braga com todos os defeitos que têm, não são os versos do sr. Abundio.

Muito palerma o tal senhor Albertinho!...



EDUARDO D'OLIVEIRA

Um pseudo-anarchista, um anarchista de manteiga, de borra é que elle é, que se diz meu amigo, atirou-me duas raspadellas lá longe, n'um jornal da parvonía.

Lêam os seguintes periodos do Fialho de Almeida.

—«Tenho amigos, mas são os peores inimigos de que dou signal — e por esses cafês, tabacarias e alamedas, dando-nos o tu da leal camaradagem, trocando charutos, rindo e enlaçando os braços, é de vêr com que risonha perfidia nos sabemos detestar reciprocamente. Esta hostilidade sagaz, enluvada e fina, que se chama ali confraternisação litteraria, e sobre cuja egide se dão jantares no Gibraltar, elogios nas gazetas, e impagaveis desandas em conclaves reconditos, não passa d'um voltarete elegante, ganho pelos que sabem rir, e sempre pago pelos que esverdeiam de coleras.»

Quando eu tenho a audacia de romper com toda essa pouca vergonha dos encomios pela

frente e da má lingua pelas costas, quando eu tenho a coragem do insulto cara a cara em vez da infamia da calúnia, tudo atassalhando com os seus dentes de ratinho, vem-me á mão um anarchista em defeza dos nullos que fallam de papo, que cantam de gallo, escudados nos louvores dos amigos, nos gabos comprados a qualquer rabiscador de *chantage!*

E o melhor é que o tal anarchista falla em tomar chá em creança...

Não está mau anarchista! — pseudo anarchista, anarchista por *sport*, anarchista de borra...

A meio d'essas raspadellas que elle me atira, mostra o desejo que tem de ir p'ra ferias a *espojar-se* (sic) por debaixo das carvalheiras.

Oxalá que as ferias venham depressa p'ra que o anarchista se espoje á vontade.

Demais, por lá deve haver muito verde...

O JORNAL DOS ESTUDANTES

Um jornal que toma a liberdade de se dizer orgão da Academia Portugueza, apesar de ser mais reles do que os jornaes de copiographo em que eu escrevia aos 12 annos no collegio, tratou de pôr as barbas de molho dèsque viu as dos vizinhos a arder.

E deu-nos o conselho de não continuarmos, não p'ra nosso bem, mas p'ra bem d'elles... se por lá ha tanta mazella!...

Maximas d'um calino do *Jornal dos Estudantes*:

— «A troça é o refugio dos esgotados.» —
Ah! meu bom Camillo. . .

— «A troça é esterilisante por isso mesmo
que é salgada.»

E levanta-se um padeiro á meia-noite!

Bem melhor fôra que se levantasse alguém
que sarrotasse palha.

De resto, tirando-se-lhe o Fausto, o que
fica dos collaboradores assiduos não merece
escrupulos a quem precisar de ir á necessaria.

O papel não é mau, fino e macio; está na
conta.

Abundio da Silva

O Abundio rabiou, barafustou, deu por paus
e por pedras, teve palavradas de ameaça n'uma
furia canina capaz de me roer os figados —
parecia uma bicha.

E eu a poupal-o!

O que vale é que aquillo são bravatas va-
ratojanas — só palavriado.

O homem não paga a pena de se perder
tempo com elle, porque, p'ra pôr tudo em
pratos limpos, eu só o tomei á minha conta
p'ra ridicularisar os outros.

Tomei-o a elle como podia tomar o Fernan-
des Costa ou o Padre Ançã.

E vá-se com esta, senhor Abundio, se não quer ir a toque de caixa, com dois foguetes ao rabo.

AGRADECIMENTOS

O *Flanando*, pamphleto humorístico do Xico Valle, dirige-me algumas palavras amáveis, fazendo justiça ao meu character.

Obrigado, Xico, e força n'elles !...

Ao *Campeão das Provincias* : — Se não soubesse que, nas palavras que me endreçam, vae uma boa dose, uma grande somma d'amisade, tomal-as-hia por troça, pois bem immerecidas são. Devido ao meu genio brusco, indomavel, que nunca mendigou lisonjas, nem nunca assalariou reporters, acostumado não estou a taes mimos.

Cautella, pois, que me podem estragar ; a quantidade foi tão grande que ia tomando uma indigestão. P'ra outra vez não mandem a marmelada tão doce, que póde criar bolór.

Comtudo, grato estou aos favores recebidos.

Redacção — T. da Rua do Norte, 9 — Coimbra

Preço..... 30 reis

Imp. Academica.

